projeto formatura



APRESENTAÇÃO

Neste livro, registramos travessias. Guimarães Rosa, belamente, ensina-nos que o importante é a travessia, o durante, o que ocorre entre o ponto de partida e o ponto de chegada. Ocorre que, depois de feita, o que se sobrepõe nas narrativas é o que se constitui como resultado, pois tem-se a falsa certeza de que o resultado é certo, ponto final.

No mês de março de 2020, todas as escolas brasileiras foram fechadas devido à pandemia provocada pelo coronavírus. Entre o anúncio e a efetivação do fechamento passaram-se pouquíssimos dias, variando entre três, no máximo, cinco, considerando as escolas sobre as quais temos dados. Acreditamos que essa situação não se diferenciou muito em todo o país. No decorrer dos dias, a pergunta “o que fazer?” foi tomando forma e a necessidade de elaborar respostas se fez premente.

Desde o ano de 1994, o Grupo de Pesquisa História e Ensino de História, vinculado à Universidade Estadual de Londrina (UEL) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tem a escola da Educação Básica como principal lugar de suas investigações. Esse grupo se divide em dois, sendo uma parte com especial interesse para o ensino de História para crianças. Para essa parte de pesquisadores, as últimas reuniões do mês de março seriam preparatórias para um período de recolhimento, de feituras de trabalhos individuais, já que voltaríamos a nos encontrar somente no mês de maio. O vírus chegou e o que seria uma reunião de planejamento, presencial, com café e bolo, geralmente feita no formato de roda na sala do Laboratório dos Anos Iniciais, de frente para a praça do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) e tendo como participantes os sons advindos do Departamento de Música, ora belas melodias, ora treinos e mais treinos — o que nos lembra sempre que tudo na vida é resultado de um processo de aprendizagem —, transformou-se em um contato via telas do computadores.

Então, o incômodo pelo formato, a inquietação pelo que não poderia ser feito, a insegurança pelo que estaria por vir, o medo do vírus, a incerteza sobre o amanhã e tantas outras emoções se fizeram presentes em meio aos relatos de como cada um estava vivendo a vida em tempos de Covid-19.

Foi nessa reunião, feita em 26 de março, que decidimos elaborar este livro. Somos um grupo em que todos os integrantes atuam no campo da Educação: docentes da Educação Infantil, dos anos iniciais, dos anos finais, do Ensino Médio, de universidades, de instituições não formais, de escolas de arte, de cinema, gestores. A função de estudiosos e pesquisadores da educação escolar nos une. A partir disso, a intenção, ao publicar este livro, foi registrar as ações e as indagações vivenciadas por cada um de nós nos primeiros meses da quarentena a que as escolas foram submetidas.

A pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola retirando-nos de um ponto que é estruturante na tradição escolar: o sacro santo lugar que denominamos sala de aula. A função docente desempenhada dentro desse lugar garante limites com os quais professores, alunos e toda a sociedade se habituaram, a partir dos quais se define o que é escola e, em decorrência, qual o papel esperado de professores e alunos. Dentro da sala de aula, há a duvidosa certeza de que todos sabem o que ser e o que fazer. Os rituais estão definidos e são, na maioria das vezes, seguidos. Como o movimento de uma sala de aula é marcado por uma rotina intensa de afazeres, o tempo para pensar sobre outras formas de ser e de fazer a aula acaba sendo redimensionado para outros espaços de formação. Por isso, o que estamos a vivenciar neste momento com as escolas em isolamento social e, ao mesmo tempo, tendo que pensar como fazer a “sala de aula” acontecer em outros espaços e tempos é singular para todos os que se dedicam a compreender a instituição escola.

Em poucos dias, o que conhecíamos por sala de aula se alterou e estamos a pensar e a fazer escola a partir de outros contornos, para os quais temos inúmeros questionamentos. Sabedores de que as experiências vivenciadas por cada um de nós estão sob as marcas de inúmeras perguntas para as quais ainda não temos respostas, dispusemo-nos a narrá-las e a socializá-las em forma de capítulos, com o compromisso de retornar a estes escritos daqui a dois anos para, quando tudo isso passar, voltarmos para nossos textos e respondermos a nós mesmos: o que o vírus que levou a escola para casa deixou nas escolas?

“Nunca mais seremos os mesmos depois que tudo isso passar” foi a expectativa exposta por uma integrante do grupo, um “será?” descrente foi a resposta de outra. O que se coloca entre uma questão e outra é, precisamente, a travessia. Sobre a travessia de cada um que os dezenove capítulos que compõem este livro foram escritos. São histórias sobre quem somos e o que estamos a fazer em meio à pandemia. Relatamos o que se altera, ou não, em nossos cotidianos profissional e pessoal com o isolamento social e destacamos quais os principais desafios que estamos a enfrentar. No que se refere à escola, à educação escolar, trazemos as diferentes vivências de cada um de nós, uns na função de propositores, outros na função de executores, uns poucos na função de observadores, mas todos com o ímpeto investigativo de querer entender, dissecar, analisar tudo o que está a acontecer. Como e por que tomamos tais caminhos, não outros? Quais as situações vivenciadas nesse processo de adentrar as casas, as rotinas familiares? Quais são os resultados alcançados e o que eles nos comprovam? O que podemos aprender com tudo isso no sentido de ser e de fazer a escola? Queremos, de verdade, ser uma escola diferente? Essas e outras perguntas são lançadas neste livro para serem respondidas no dia vindouro depois que tudo isso passar.

Trata-se, portanto, de um livro sobre as nossas inquietações em relação à escola diante do novo coronavírus. Podemos afirmar que este livro se assemelha àquela gaveta que todos nós temos em casa e na qual depositamos o que julgamos importante ser guardado, mas não temos, ainda, um lugar definido. Um livro-gaveta para ser “arrumado” depois, é mais ou menos essa a ideia. Com as reflexões publicadas, seremos obrigados a “olhar-nos” futuramente. E mais, ao socializarmos nossas inquietações, convidamos todos a pensarem e a elaborarem as suas próprias perguntas sobre o que aprenderemos com e após este momento.

Londrina, 02 de junho de 2020.

Sandra Regina Ferreira de Oliveira

PROPOSTA:

Você leu um texto escrito pela Sandra, do ponto de vista de uma professora.

Nosso exercício de Redação será reescrever o texto contando com suas próprias palavras, a história lida, ou seja, a versão pessoal do texto-fonte.

Isso significa que o aluno-escritor enfrenta dois desafios: o primeiro deles é a focalização - a perspectiva ou o ângulo de visão de quem conta a história/relato. O segundo desafio é o da modalização, a voz de quem conta a história. Diferentemente do narrador onisciente, que quase sempre é neutro, o narrador em primeira pessoa tem objetivos muito bem definidos (afinal de contas, ele participa do desenrolar dos fatos).

Essa atividade pode ser feita em duplas, caso queiram.